

## De Valadares para os EUA: migração feminina e trabalho doméstico através da história de vida de uma brasileira

*Crísila Cristina Ramos<sup>1</sup>*  
*Roberto Fragale Filho<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a emigração contemporânea na região de Governador Valadares, privilegiando o papel feminino nos recentes fluxos migratórios para a construção de novas redes de apoio e a concretização da empreitada de migrar. Utilizamos o método de história de vida para a reconstrução da vivência pessoal e laboral de uma mulher valadarense, cuja história, apesar de individual, reflete os desafios do mundo social, com os riscos da migração indocumentada e as características de informalidade, precariedade e invisibilidade que persistem sob o trabalho doméstico exercido pelas imigrantes nos Estados Unidos.

**Palavras-chave:** Migração feminina. Trabalho doméstico. Governador Valadares. Estados Unidos.

### From Valadares to the USA: female migration and domestic work through the life story of a brazilian

**Abstract:** This article aims to analyze contemporary emigration in the region of Governador Valadares, focusing on the female role in recent migratory flows for the construction of new support networks and the achievement of the task of migrating. We use the life story method to reconstruct the personal and work experience of a woman from Valadares, whose story, despite being individual, reflects the challenges of the social world, with the risks of undocumented migration and the characteristics of informality, precariousness and invisibility that persist under domestic work performed by immigrants in the United States.

**Keywords:** Female migration. Housework. Governador Valadares. United States.

---

<sup>1</sup> Mestra em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: criscilaramos@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política pela Université de Montpellier I e docente da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: roberto.fragale@gmail.com

## De Valadares a EE.UU.: migração feminina y trabajo doméstico a través de la historia de vida de una brasileña

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la emigración contemporánea en la región de Governador Valadares, centrándose en el papel femenino en los flujos migratorios recientes para la construcción de nuevas redes de apoyo y el logro de la tarea de migrar. Utilizamos el método de la historia de vida para reconstituir la experiencia personal y laboral de una mujer de Valadares, cuya historia, a pesar de ser individual, refleja los desafíos del mundo social, con los riesgos de la migración indocumentada y las características de informalidad, precariedad e invisibilidad que persisten bajo el trabajo doméstico realizado por inmigrantes en los Estados Unidos.

**Palabras clave:** Migración femenina. Trabajo doméstico. Governador Valadares. Estados Unidos.

### Introdução

Nos últimos anos os meios midiáticos vêm revelando a crise humanitária na fronteira dos Estados Unidos com o México que atingiu e continua afetando a vida de inúmeras pessoas, em grande parte, advindas da América Central e do Sul.<sup>3</sup> Esses deslocamentos contemporâneos têm sido vistos como reflexos dos efeitos da COVID-19 no mundo, com destaque para os países do sul do globo, ao contribuir para o maior empobrecimento das suas populações e estimular a migração para os países mais ricos. Em 2021, por exemplo, o número de brasileiros indocumentados detidos tentando realizar a travessia alcançou o recorde de 56.881 pessoas,

---

<sup>3</sup> PÉCHY, Amanda. Drama dos migrantes na fronteira entre México e EUA tem recorde histórico. **VEJA**. 16.12.2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/drama-dos-migrantes-na-fronteira-entre-mexico-e-eua-tem-recorde-historico>. Acesso em: 07 ago. 2023.

Ver também: Prefeito de NY diz que alguns imigrantes enviados pelo Texas "foram marcados como animais". **Brazilian Times**. 19.09.2022. Disponível em: <https://www.braziliantimes.com/comunidade-brasileira/2022/09/19/prefeito-de-ny-diz-que-alguns-imigrantes-enviados-pelo-texas-foram-marcados-como-animais.html>. Acesso em: 07 ago. 2023.

onde a maioria migrou em grupo familiar (77%), mas também houve casos de adultos viajando sozinhos e até mesmo menores de idade e crianças desacompanhadas, conforme divulgado pelo órgão americano de Alfândega e Proteção de Fronteiras.<sup>4</sup>

Nesse cenário, as mulheres inauguram um protagonismo que decorre das novas configurações e arranjos migratórios que se assumem na pandemia com a estratégia do "cai-cai", de modo que se cria no imaginário social a ideia de que seria mais fácil ingressar nos Estados Unidos quando se é mulher e, ainda mais, quando o ato de migrar é realizado pela mãe com o seu filho. Partindo de tais considerações, delimitamos nosso problema de pesquisa com a seguinte questão: Qual o papel assumido pela mulher nos processos migratórios contemporâneos e como acontece a inserção no mercado de trabalho americano? Para respondê-la, foram realizadas algumas entrevistas gravadas e outras não, presencial e virtual (via WhatsApp), com uma mulher valadarense que recebe o nome fictício de Ana.

Assim, o que se busca é, através do relato da história de vida, tecer as primeiras compreensões acerca das mudanças estruturais na organização do descolamento promovidas pela ação feminina — certo de que ainda há muito o que ser explorado —, somadas à tentativa de tornar visíveis as desigualdades que acompanham a trajetória laboral da mulher imigrante no país norte-americano.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> 57 mil detidos: número de brasileiros cruzando fronteira do México para EUA aumenta 8 vezes em um ano e bate recorde. ESTADO DE MINAS. 25.10.2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/10/25/interna\\_internacional,1316331/57-mil-detidos-numero-de-brasileiros-cruzando-fronteira-do-mexico-para-eua.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/10/25/interna_internacional,1316331/57-mil-detidos-numero-de-brasileiros-cruzando-fronteira-do-mexico-para-eua.shtml). Acesso em 17 jan. 2023.

<sup>5</sup> Segundo Nogueira et al. (2017, p. 483), no método de história de vida as lembranças não são simplesmente repetir um passado, e sim trabalho, reconstrução e deslocamento, onde pesquisador e sujeito ao iniciarem esse processo aceitam um convite de compartilharem uma nova experiência, quando o pesquisador deve repensar constantemente os lugares estabelecidos. Desse modo, revela-se a busca por construção de sentido a partir daquilo que foi recolhido do sujeito, o que nesta pesquisa é desenvolvida através da narrativa de Ana.

Em termos gerais, esse recurso metodológico participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém, o que só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua entre as partes (Nogueira et al., 2017, p. 468). González-Monteagudo, Leon-Sánchez e Martín-Gutierrez (2022, p. 72) comentam que a pesquisa biográfica e narrativa nos permite compreender a experiência da imigração de uma forma que não parece possível com outros métodos, nele os emigrantes realizam um trabalho de revisão contínua sobre a sua própria identidade e o autoconhecimento sobre seu processo de aculturação e integração na sociedade anfitriã.

Além disso, este tipo de pesquisa tem a capacidade de captar a temporalidade e a experiência de tempo das pessoas, e de tornar visível experiências ocultas por trás de uma visão da imigração em que prevalecem apenas dados quantitativos ou teorias políticas e sociológicas (González-Monteagudo, Leon-Sánchez e Martín-Gutierrez, 2022, p. 72-73). Trata-se, assim, de um método bem aceito neste campo por viabilizar uma visão interpretativa e compreensiva de histórias individuais, ligada a um contexto social, ao mesmo tempo em que empresta sentido às vivências de outras mulheres.

Nesse momento, torna-se necessário justificar que a escolha de uma mulher natural da cidade mineira de Governador Valadares não foi aleatória. A cidade que está localizada no Vale do Rio Doce, com PIB per capita de R\$ 23.929,88 (IBGE/2020) e população de 257.171 habitantes, segundo o censo de 2022,<sup>6</sup> é referência nos estudos de migração internacional para os Estados Unidos, possuindo laços históricos com o território americano e uma rede migratória consolidada há décadas que juntos levam muitos valadarenses a aceitarem que seja, eventualmente, mais

---

<sup>6</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2022. **População**. Governador Valadares: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>. Acesso em: 07 ago. 2023.

fácil migrar para os EUA, mesmo que em situação irregular, do que para grandes centros no Brasil (Sousa e Fazito, 2017, p. 55).

Diante disso, no intuito de melhor explorar tais reflexões, a pesquisa será organizada em três partes. Na primeira parte, são discutidos os fluxos migratórios contemporâneos de mão de obra valadarense para o país norte-americano, abordando teóricos que investigam as redes sociais na cultura migratória da região e dialogando-os com o contexto atual de crises e as questões de gênero. Na segunda parte, é realizado um debate teórico com os autores que se dedicam à análise de temas como "migração", "gênero" e "trabalho doméstico", o que nos auxiliará na compreensão dos comportamentos narrados na entrevista. Por fim, busca-se dar visibilidade à resistência feminina no processo migratório, a partir da história de vida de Ana como mulher migrante indocumentada que repensa as estratégias de rotas tradicionais e, já nos Estados Unidos, volta a se deparar com a invisibilidade do trabalho doméstico deixado às mulheres imigrantes neste país.

### **Emigração laboral contemporânea "De Valadares para os Estados Unidos": articulando cultura de migração, crises e gênero**

A emigração internacional de mão de obra valadarense para os Estados Unidos é um fenômeno antigo, que remonta à segunda metade do século XX. Muita discussão teórica na área já foi lançada e levou a cidade de Governador Valadares a se tornar referência quando o assunto é migração laboral ou migração irregular com destino para os EUA. Sousa e Fazito (2017, p. 48) recordam que a cultura migratória se estabelece publicamente quando o ato de migrar se torna socialmente legitimado e é compreendido como ação racional vantajosa no sentido de minimização dos riscos e maximização do sucesso socialmente desejado, o que faz sentido quando avaliada a dinâmica de deslocamento na cidade mineira. Isso porque, com frequência, Valadares revela um fluxo migratório intenso apesar de todos os riscos que acompanham o migrante indocumentado nessa empreitada.

Assis (2002, p. 42-44), pensando a emigração internacional de valadarenses, argumenta que embora a crise econômica seja um fator que explica o fluxo, no plano da subjetividade, foi se construindo um "desejo de migrar para a América" e não para outro lugar devido ao imaginário que se criou ainda na década de 50 do século passado e à rede de relações que se estabeleceu entre os primeiros migrantes e os que os sucederam. A autora acrescenta que embora os americanos não se misturassem muito com os brasileiros, a língua diferente, as casas de madeira e as notas de dólar permitiram que se imaginasse o que era o país, o que, somado aos relatos dos que viajavam, ajudavam a tornar presente os Estados Unidos na cidade mineira.

Nesse sentido, parece ser justa a importância atribuída aos primeiros emigrantes para o surgimento e sustentação dos fluxos migratórios, assumidos como aqueles que ligaram as sociedades Valadares-Estados Unidos. Com o passar dos anos e o aumento do interesse pelo deslocamento, as pessoas começaram a fazer contato com coiotes<sup>7</sup> e aprenderam o funcionamento das conexões clandestinas, contribuindo para a manutenção do sistema migratório local, ao lado das agências de turismo. São agentes que se inserem na prática da cultura migratória na região, onde a ação de emigrar passa a ganhar cada vez mais autonomia a ponto de cada projeto migratório não depender, necessariamente, de um "sucesso econômico" convencional, mas se assumir como uma espécie de "ritual de passagem" ou "fator natural" que marca o modo de vida valadarense e sua identidade singular (Fazito, 2010, p. 93). Não obstante, se por um lado exista aqueles ou aquelas que migram sem aparente necessidade econômica, por outro, o contexto de crise pela pandemia revelou que as adversidades servem para intensificar esse fluxo migratório, onde muitos o fazem em busca de um melhor porvir e como fuga da falta de oportunidades no país de origem.

Nesse contexto, destacam-se as mulheres migrantes que vêm registrando uma participação cada vez maior nos recentes fluxos

---

<sup>7</sup> Pessoas que conduzem os imigrantes até a fronteira, mediante pagamento.

migratórios, apesar de ainda serem retratadas como coadjuvantes. Essas mulheres foram se inserindo no fenômeno migratório por diversos motivos, seja pela curiosidade em conhecer a América como a "terra do sucesso e da prosperidade", seja por necessidades econômicas e fuga das desigualdades nos espaços público e privado. Com isso, tanto assumem o protagonismo da própria história como contribuem para a configuração de novos arranjos do processo migratório. Ao mesmo tempo, podem ainda atuar como elos que ligam — aqui e lá — redes sociais<sup>8</sup> que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de migração e na manutenção dos laços com o lugar de origem (Assis, Siqueira, 2009, p. 44), o que serve à função de encorajar outras mulheres a também realizarem o processo migratório.

### **Migração internacional e trabalho doméstico**

O deslocamento de pessoas entre distintos lugares no espaço geográfico, seja ele um deslocamento interno (dentro do território nacional, do campo para a cidade ou da cidade para o campo) ou deslocamento externo (entre territórios soberanos, de um país para outro país) faz parte da história da humanidade. Nesse processo, apesar de invisibilizadas, as mulheres sempre exerceram um papel importante e, nos anos 1990, a migração feminina dos países do "Sul" para os do "Norte" registrou um salto, onde elas colaboraram para o crescimento contínuo da mão de obra no setor de serviços e no trabalho doméstico (Federici, 2019, p. 153).

A hipótese da divisão sexual do trabalho (Souza-Lobo, 2021) utilizada para justificar a distinção do que seriam obrigações e ocupações "naturalmente" femininas e masculinas e, por efeito, o tratamento diferenciado conferido à sua força de trabalho, marca a organização da maioria das sociedades. Esta feminização

---

<sup>8</sup> Nos estudos migratórios, as redes sociais ou redes de apoio são formadas por parentes, amigos e conhecidos que se apoiam, transmitindo informações, fornecendo contatos, e algumas vezes até emprestando dinheiro para o financiamento da empreitada de emigrar.

de setores e tarefas é parte de uma estratégia de barateamento de custos da força de trabalho da mulher (Souza-Lobo, 2021, p. 155) e, na migração feminina, tem como consequências o surgimento de dois fatores: ingresso de mulheres na atividade doméstica e a automática submissão às condições de precariedade laboral por medo de não encontrarem outra profissão ou serem deportadas.

A própria limitação do acesso dos trabalhadores imigrantes à legalidade é também uma forma de utilizar a imigração para reduzir ainda mais o custo do trabalho, assim como a desvalorização social e política desses imigrantes, como visto, possibilita usá-los para conter as demandas da classe trabalhadora local (Federici, 2019, p. 150). Com a pandemia da COVID-19, acrescenta-se mais uma preocupação com as imigrantes mulheres no trabalho de reprodução e cuidado, isso porque, conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT), se já antes da pandemia os empregos com alta concentração feminina se caracterizavam por baixos salários, poucas oportunidades de ascensão e exposição a riscos de saúde e segurança no trabalho e à violência e assédio, quando surgiu a pandemia, estas tendências expuseram as trabalhadoras a um maior perigo de serem dispensadas ou sofrerem uma maior deterioração em suas condições laborais (OIT, 2021, p. 5).

Assim, partindo dessas considerações teóricas, torna-se necessário voltar o olhar para a observação empírica através da reconstrução da vivência pessoal e laboral de uma mulher valadarensense nos Estados Unidos. Nesse ponto, advertimos ao leitor que reconhecemos as limitações do método de história de vida para investigar aspectos de um fenômeno universal, motivo pelo qual se busca utilizar a narrativa de vida apenas como forma de dar visibilidade à migração feminina e conferir protagonismo à participação das mulheres nas novas configurações do processo migratório contemporâneo, valendo-se da exemplificação de comportamentos até então desconhecidos ou invisíveis nos estudos migratórios.

## **O papel feminino na migração contemporânea: a história de vida de uma mulher valadarense que migra para os EUA**

A mulher que dá vida a este trabalho recebe o nome fictício de Ana. Por se tratar de uma imigrante indocumentada, houve a preocupação em manter em sigilo qualquer informação da entrevista que possa levar à sua identificação, motivo pelo qual este trabalho se limitou ao aproveitamento apenas dos elementos necessários ao bom desenvolvimento da pesquisa. Foram realizados dois encontros presenciais e dois virtuais, e os encontros gravados foram acompanhados do termo de consentimento, aceito e assinado por Ana. As conversas on-line aconteceram no final dos dias 16.02.2022 e 26.03.2022, com Ana no estado de Connecticut/EUA; já as entrevistas presenciais ocorreram nos Estados Unidos, sem gravação, em novembro de 2022.

### *A resistência feminina na migração*

Ana é natural de Governador Valadares, tem 26 anos, ensino superior incompleto e possui uma origem humilde. Tem mais quatro irmãos, três mulheres e um homem. A mãe é dona de casa e o pai, ela perdeu o contato por volta dos doze anos de idade. Sempre moraram de aluguel e se mudaram após sua mãe ocupar um terreno através do MST (Movimento Sem Teto). Seu sonho era ser delegada. Ainda em Governador Valadares, Ana conheceu seu companheiro e, depois de um tempo, decidiram se mudar para Vitória, capital de Espírito Santo/Brasil. Nesta cidade, trabalhava como auxiliar administrativa e ganhava entre R\$ 2.500,00 e R\$ 2.600,00.

A emigração foi realizada em 2021 e motivada pelo sonho da casa própria, de conseguir comprar seu carro e alcançar a independência financeira. Em Valadares, cidade de poucas oportunidades, muitos valadarenses como a entrevistada escutam falar da emigração como um fenômeno natural, e associam os Estados Unidos à terra de grandes oportunidades e prosperidade, o que se sustenta no imaginário social através dos discursos dos retornados.

A cultura migratória difundida é tão forte que a imagem que constroem do país norte-americano passa a acompanhar essas pessoas mesmo quando se mudam para outras cidades ou estados.

"Então, na minha cidade é muito comum a gente ouvir isso. Então, desde pequena a gente já cresce ouvindo sobre ir para os EUA de forma ilegal. Eu vim com uma pessoa que me mostrou, que foi me dando as instruções do que eu deveria fazer e, como se diz, coiotes. E, cheguei até aqui. Vim de avião, vim pelo México, passei pela imigração, fiquei presa por uns dias e depois fui liberada", relatou Ana.

Ana conhecia pessoas que migraram, inclusive parentes, e estes funcionavam como redes de contato que divulgavam a travessia clandestina e, em certos casos, até incentivam a experiência migratória por outros valadarenses. A entrada no solo americano pode envolver vários atalhos e meios de transporte que colocam em perigo a vida dos migrantes, a exemplo de muitos que atravessam escondidos no fundo de caminhões, em trem, pelo deserto, através de rios, pulando muros ou cercas etc. No caso de Ana, primeiro foi estabelecido contato com um coiote em Governador Valadares, quando lhe cobraram quatorze mil dólares para realizarem a travessia pela fronteira dos Estados Unidos com o México, o meio mais conhecido e difundido na cultura migratória da cidade mineira. Logo, seriam vinte e oito mil dólares, o valor total necessário para a travessia da entrevistada e de seu companheiro.

Ana conta que o pagamento é feito com uma entrada e o restante é parcelado em valores mensais: "vendemos tudo o que a gente tinha aí pra poder vir eu e meu esposo". Questionada se haveria reembolso na hipótese de insucesso na travessia, ela comenta: "Segundo eles, sim. Mas a gente ouve muitas histórias que eles não devolvem". Nessas situações, o emigrante que muitas vezes vende o único bem que possui para financiar a empreitada ou, de outra forma, contraem dívidas com pedidos de empréstimos em bancos ou a amigos, fica ainda mais vulnerável por estar

envolvido em um sistema migratório irregular, com todos os riscos que essa empreitada impõe.

Após realizar a travessia pelo deserto, Ana e o companheiro ficaram caminhando até que fossem encontrados pelos agentes de segurança da fronteira. Muitos emigrantes vêm adotando essa estratégia na esperança de que sejam presos e, posteriormente, liberados em solo americano para responderem ao processo em liberdade. Trata-se de um esquema que se tornou recorrente durante os últimos anos da pandemia da COVID-19, conhecida por "cai-cai", quando a pessoa tanto pode ser liberada para responder ao processo em liberdade condicional como pode ficar detida à espera da deportação, sendo que, em ambos os casos, é possível apelar para o juiz de imigração e, também, solicitar uma fiança. Adverte-se que muitos imigrantes nem mesmo chegam a contratar um advogado, isso porque o valor dos serviços desse tipo profissional costuma ser muito caro e sempre existe o risco de a apelação ser rejeitada.

Acredita-se, ainda, que os coiotes vêm estimulando a estratégia do "cai-cai" com a viagem de pais com seus filhos menores de idade para garantir que os responsáveis encontrem maior facilidade para ingressarem nos Estados Unidos. Em contatos preliminares com outras mulheres imigrantes, constatou-se que nem sempre a empreitada é considerada a partir do perigo a que podem estar expondo crianças e adolescentes, mas como uma oportunidade de recomeço para toda a família sem a dor da separação e os impactos negativos que a ausência da figura materna e paterna podem provocar na vida dos filhos que ficam no país de origem.

Mesmo Ana e seu companheiro não tendo filhos, valeram-se da estratégia e, após chegarem na imigração, foram separados pelas autoridades locais. O companheiro conseguiu responder ao processo em liberdade condicional, enquanto Ana continuou presa por quase seis meses até a decisão final pela sua deportação para o Brasil: "Eles me negaram o pedido de asilo e me deportaram e, depois disso, eu fui pro Brasil novamente, né. Cheguei ao Brasil, fiquei mais dois meses e tentei retornar novamente".

*E como foi sua experiência durante o período em que você ficou presa?*

No início é muito frustrante, é muito ruim, porque a gente vem achando que "ah, eu vou passar, vou ficar só cinco dias, dez dias, no máximo quinze" e aí você vai vendo que o tempo vai passando, você não vai sendo liberado, você vê um monte de gente saindo, conseguindo alcançar o objetivo e você ficando. Lá eles pegam a gente e transferem pra outras cadeias sem nem te falar pra onde você está indo, você não sabe o que tá te acontecendo, seu processo, você não sabe nada sobre seu processo, é tudo na mão deles. Então, assim, é muito, muito ruim. Você fica longe dos familiares, você não consegue ter acesso ao seu celular. Você apenas, deita, dorme, come e deita, dorme e come. Tem outras pessoas lá, né. Na primeira cadeia que eu fiquei, tinha só um quartinho pequenininho onde ficava só eu e uma pessoa, geralmente era cubano, eu não entendia o espanhol, não conseguia falar. E essa cela era totalmente fechada, só tinha um buracozinho bem pequeno de vidro que dava pra gente ver, ter acesso ao pátio, e nela eu fiquei por quase trinta dias lá. Foi os piores momentos, lá foi horrível, porque a gente só saía daquele lugar que a gente tava, daquele quadradinho, pra tomar banho e fazer uma ligação por vinte minutos por dia. E aí, depois eles me transferiram pra uma outra prisão, que fica no estado de Luisiana, essa [aquela] primeira ficava no Texas/Arizona. Depois eu fui pra Luisiana. Luisiana era muito ruim também, mas pelo menos eu ficava junto com muitas pessoas, umas cinquenta mulheres. Cada uma de um país diferente. Tinha cerca de umas doze brasileiras comigo, o resto era tudo latinas.

O tempo em que Ana ficou presa lhe permitiu fazer amizades com outras emigrantes que se encontravam na mesma situação, inclusive brasileiras, compartilhando entre si o sonho de

conseguirem a liberdade e, assim, realizarem seus projetos de vida melhor em solo americano. Essa troca de experiências e aspirações entre mulheres emigrantes fez com que Ana descobrisse mais uma rota de ingresso clandestina para os Estados Unidos, através do Canadá, bem como o contato de intermediadores (coiotes) para sua operacionalização. Ana conta que uma colega com quem estava presa, e que também foi deportada, falou do seu interesse em retornar para os Estados Unidos e da existência de outra forma de chegar ao país que não pelo México: "[Ela] me falou: 'eu quero ir de novo, vamos? Tem a opção do Canadá', aí a gente pegou e decidi vir".

*Essa conversa que vocês tiveram foi depois que você foi deportada ou foi ainda na prisão?*

É, lá a gente sempre falava, né, porque ela também tinha um esposo aqui [EUA]. Então ela sempre falava que se ela fosse deportada ela ia voltar de um jeito ou de outro. Mas a gente sempre teve muito medo de voltar pelo México, então quando a gente chegou, passou mais ou menos um mês, ela me mandou mensagem falando que conseguiu essa opção de Canadá, a mesma pessoa que tinha levado ela, da primeira vez, conseguia levar ela pelo Canadá, aí ela foi e me chamou, e eu fui junto com ela, que me ajudou bastante.

Devido ao sofrimento com a primeira tentativa, Ana já se encontrava desmotivada e não queria correr todos os riscos da travessia pelo México. Porém, como seu parceiro já estava nos Estados Unidos e precisava mais do que nunca trabalhar para pagar os valores remanescentes aos coiotes, Ana decidiu tentar pela segunda vez. Ela, então, toma a decisão de ir pelo Canadá, uma rota pouco conhecida pelos valadarenses e ainda não muito explorada pela cultura migratória na cidade.

*E você já havia escutado essa possibilidade de ir para os Estados Unidos pelo Canadá aqui em Valadares?*

Não. Eu nunca ouvi, inclusive, quando eu decidi vir, foi até um pouco mais difícil pra mim ter coragem de vir porque não é uma coisa comum, eu nunca tinha ouvido falar que ninguém de Valadares foi, eu não tinha experiências pra ouvir. Mas foi muito bom, não foi arriscado igual é quando a gente vem pelo México, foi bem tranquilo. Pelo menos minha experiência foi muito tranquila, muito mesmo, e graças a Deus que eu consegui essa opção.

*Outras pessoas, outros valadarenses, te procuraram pra saber como é que fariam essa intermediação pelo Canadá? Houve esse interesse?*

Sim! Inclusive, tem um parente meu que me ligou essa semana perguntando como que foi porque o irmão dele tá querendo vir, e me perguntando como foi minha experiência, quanto eu paguei, sobre esse valor que a gente tem que dá lá no Canadá. Porque depois, se tudo der errado, o valor que a gente dá no Canadá eu acredito que ele fica perdido. E algumas pessoas que não são de Valadares, né, porque como eu fiquei muito tempo presa, então eu fiz mais amizades e as pessoas que estavam presas comigo e foram deportadas que tiveram mais interesse em saber disso. Porque nem muita gente ficou sabendo que eu vim pra cá. Eu tenho um primo que tentou vir também, da mesma forma que eu, inclusive, ele chegou agora, esses dias, um parente distante.

Durante sua segunda tentativa, Ana foi para Vancouver, no Canadá, e para chegar aos Estados Unidos precisou atravessar um parque, onde acreditava que os agentes da fronteira já estariam avisados de sua passagem. "E quando a gente entra para o país,

os Estados Unidos, a gente não se entrega em imigração. A gente vive aqui, mas de alguma forma como uma nuvem, eles não sabem que a gente tá no país. É isso.". Entretanto, ao que se percebe, essa condição apenas aumenta a invisibilidade que já é própria do ser imigrante no território americano, e que contribui para marginalizá-los e inseri-los em um mercado de trabalho informal e precário na nova sociedade.

O financiamento dessa travessia é um pouco mais caro que a travessia pelo México: "(...) eu tive que pagar vinte mil dólares. Eu paguei cinco mil dólares à vista quando eu cheguei no Canadá, e o restante, os quinze mil, eu tive que dar quando eu estava aqui dentro dos Estados Unidos.". Como o seu marido já estava nos Estados Unidos há um tempo, ela conseguiu pagar uma parte da dívida com os coitotes, e os demais valores foram pagos por meio de empréstimos contraídos com seus irmãos. No momento da entrevista, Ana já não devia mais nada aos intermediadores, mas continuava pagando a familiares. Saliencia-se, nesse sentido, que há sempre uma preocupação pelos imigrantes de se verem livres da dívida que viabilizou a travessia, o que também vem acompanhado do medo por si e pelos familiares de alguma retaliação dos intermediadores em caso de não pagamento.

Assim, o relato de Ana demonstra sua pertinência e singularidade por revelar como a resistência feminina vem atuando na configuração dos arranjos migratórios, repensando novas rotas de ingresso nos Estados Unidos — a exemplo da travessia pela fronteira do Canadá —, criando novas redes de contato e desafiando a própria dinâmica interna das famílias no país de origem, onde frequentemente os homens/maridos/pais são preferidos para realizarem a migração, diante da impossibilidade do deslocamento de toda a família (Reis, Machado, 2008, p. 233), e, mesmo quando migram em grupo familiar, assumem o protagonismo da empreitada.

### **Ana nos Estados Unidos: O trabalho doméstico pela mulher imigrante**

Ana chegou aos Estados Unidos em dezembro de 2021, e passou a residir em uma casa com mais seis integrantes, incluindo seu companheiro, todos parentes. Poucos dias depois, em janeiro de 2022, conseguiu trabalho na faxina de casas, que é o trabalho frequentemente exercido pelas mulheres imigrantes nos Estados Unidos devido suas características de precariedade e informalidade, e por ser considerado tipicamente feminino, tanto pela sociedade de origem como de destino, inserido na lógica da divisão sexual e internacional do trabalho.<sup>9</sup> Ana comenta: "É o que eu imaginava e é a oportunidade que tem aqui pra imigrante. Só trabalhar com limpeza mesmo. A maioria das áreas é isso".

Nos Estados Unidos, Ana trabalha de segunda a sexta, entre 8h e 16h, limpando cerca de cinco casas por dia, e vinte e cinco a trinta casas por semana. O retorno financeiro é satisfatório, entre US\$100 e US\$130 por dia. Apesar da condição precária em que a atividade é exercida, com uma jornada exaustiva, sem pausa para a alimentação ou garantia de qualquer direito trabalhista, o valor que recebem da faxina é muito superior ao salário da maioria dos brasileiros, sendo um forte incentivo à imigração, capaz de compensar até mesmo os riscos da travessia irregular.

Assim, quando questionada se acreditava ser mais vantajoso trabalhar nos Estados Unidos, mesmo que na condição de irregular, Ana responde: "Sim, muito mais vantajoso. Aqui eu consigo fazer muito mais dinheiro do que eu faria em praticamente um ano de trabalho. Em um ano de trabalho no Brasil eu faria aqui muito mais rápido, entendeu? Quatro meses, talvez. Três meses". Só dessa forma que muitos conseguem poupar e materializar os

---

<sup>9</sup> Segundo Fleischer (2002, p. 88), "Quando chegam aos EUA, a divisão sexual do trabalho brasileira tende a se perpetuar: as mulheres encontram trabalho tidos como femininos (onde a *housecleaning* é o melhor exemplo) e os homens ficam com trabalhos tidos como masculinos (construção civil, táxis, jardinagem, *deliveries*)."

seus sonhos no país de origem, além de ajudarem seus familiares com o envio de remessas.

O contato com os donos da casa geralmente é mínimo, limitado a simples cumprimentos como um "Bom dia", "Boa tarde", "Obrigada" etc.: "O máximo é o básico, entendeu? É um bom dia e pronto. Na verdade, quando a gente chega pra limpar uma casa, eles automaticamente já estão de saída, já estão indo pro trabalho, então assim, não tem tempo pra ter algum contato, pra ter alguma conversa". Isso revela o quanto o inglês é dispensável para a execução do trabalho, mas, como, em contrapartida, serve para precarizar a atividade. Sem o inglês essas mulheres não conseguirão negociar adequadamente os valores da faxina ou acordar sobre as melhores condições de trabalho, o que será feito por outras imigrantes que possuem um maior domínio do idioma. Isso, por outro lado, acaba estimulando uma relação de dependência e subordinação entre essas mulheres, onde as imigrantes recém-chegadas costumam trabalhar como ajudantes de *housecleaner* (conhecida também como "donas do negócio") ganhando menos.<sup>10</sup> No caso de Ana, o primeiro contato com os donos da casa foi intermediado por terceiros, "são brasileiros documentados que montam uma própria empresa para si e contratam imigrantes para trabalhar".

Além disso, a ausência do idioma impede, também, o funcionamento normal da vida na nova sociedade. "A maior dificuldade é tudo, né? A adaptação, é aprender a língua, é aprender a resolver as coisas sozinho, como abrir uma conta no banco, como ir até o supermercado, fazer compras. Porque aqui é tudo muito diferente do Brasil.". Para Fleischer (2002, p. 62), esses imigrantes vivem em uma situação assustadora de analfabetismo linguístico e simbólico, que implica uma dependência em relação a outros brasileiros que sabem mais um pouco do idioma, e uma situação

---

<sup>10</sup> Siqueira et al. (2016, p. 5) acrescentam que "As diferenças nas condições de trabalho e *status* migratório entre as ajudantes e as donas do negócio sugerem maior vulnerabilidade trabalhista e social para as primeiras, conforme verificado em alguns estudos realizados com imigrantes não legalizados nos Estados Unidos e Europa."

de exclusão social local. O medo da vulnerabilidade e da vergonha os levaria a restringir o convívio social aos outros brasileiros e, por consequência, a adiar o domínio do inglês. Assim, seria mais seguro trabalhar e morar com brasileiros, comer comidas brasileiras, ir a salões, lojas e bares e igrejas brasileiras etc. A autora adverte, ainda, que nesse contexto a falta de inglês reduz as alternativas de trabalho e os imigrantes passam a ser contratados apenas pelo que seus corpos são capazes de fazer.

O trabalho de limpeza exige muito esforço físico e submete os seus trabalhadores ao convívio com riscos ergonômicos, biológicos e químicos próprios da atividade. Quando questionada sobre os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), Ana afirma ter recebido máscaras e luvas gratuitamente da companhia de limpeza. Apesar disso, confessou utilizar apenas a máscara: "É porque eu não me sinto à vontade. Como eu trabalho com limpeza, a luva não me deixa sentir que algo está limpo". Assim, em um contexto de crise pandêmica em que os EPIs se tornam indispensáveis, é interessante analisar criticamente a não utilização de um EPI como uma resposta à própria lógica do trabalho a que estão submetidas essas mulheres. Isso porque, ao chegarem no país sem documentação, sem dominar o idioma inglês e sem referência, estas precisam se destacar de algum modo e o fazem buscando apresentar a melhor limpeza (qualidade) e no menor tempo, para assim conseguirem limpar a maior quantidade de casas possível. Dessa forma, muitas sacrificam a própria saúde, como Ana, que nos confessou serem frequentes as "dores nas costas, nas mãos, no corpo".

Apesar disso, a entrevistada chega a avaliar sua condição de trabalho como boa, mas com ressalvas: "A condição é boa, apesar do horário de almoço. A pausa pra almoçar a gente não tem, né? É péssima essa parte de alimentação. Não tem pausa.". Afirma, também, que já precisou trabalhar mais que o combinado e, em outras situações, já aconteceu de a dona da casa cancelar a limpeza sem aviso prévio "às vezes você vai fazer uma casa e te falam o que você vai fazer. Você vai fazer um banheiro, uma cozinha pequena, aí você chega e é uma casa muito grande, nesses quesitos assim."

Isso pode se tornar recorrente nessas relações de trabalho, já que o contrato entre as partes não ganha forma escrita e se realiza na base da confiança (o chamado acordo verbal), o que pode ser ainda mais perigoso para a imigrante devido ser a parte vulnerável nessa relação. Ana, inclusive, reconhece essa vulnerabilidade quando responde "não" ao ser questionada se acreditava ter algum direito trabalhista ou garantia de proteção social.

### **Considerações Finais**

O intenso fluxo migratório nos últimos anos revelou a existência de uma crise migratória dentro de outra, a crise sanitária causada pela COVID-19. Esse cenário acentuou a condição de vulnerabilidade do ser migrante, principalmente de grupos mais vulneráveis em que se incluem as crianças e as mulheres. Assim, este trabalho buscou na discussão teórica em torno de temas como "migração internacional", "gênero" e "trabalho doméstico" e o relato de vida de Ana, privilegiar o papel feminino na configuração do sistema migratório e dar visibilidade ao trabalho doméstico nos Estados Unidos comumente desempenhado por mulheres imigrantes.

O depoimento de Ana revelou uma experiência diferente daquela de vários outros valadarenses ao desmistificar a imagem da mulher valadarense como aquela que fica no país de origem enquanto o pai, o irmão ou o marido realiza o processo migratório, ou como aquela que apenas acompanha o marido na empreitada. A partir do seu relato de vida, a mulher ganha protagonismo e passa a ser vista de um lugar diferente, participando do sistema migratório de diversas maneiras: migrando sozinha, vivenciando a migração por rotas alternativas — tanto pela fronteira do sul dos Estados Unidos, com o México, como pela fronteira do norte, pelo Canadá —, criando redes de contato e reconsiderando novas rotas de entrada nos Estados Unidos que escapam a tradição da cultura migratória em Valadares.

O protagonismo feminino e das crianças também assume destaque com o esquema do "cai-cai" durante a pandemia, na rota

tradicional pelo México. Isso aconteceu porque os coiotes começaram a perceber na participação de mulheres e menores uma facilidade estratégica para o ingresso nos Estados Unidos, com mais chances de serem liberados para responder ao processo em liberdade, o que pode ser atribuído à condição de maior vulnerabilidade desses atores.

Este trabalho também demonstrou que as mulheres, ao chegarem nos Estados Unidos, são submetidas a um mercado de trabalho segregado por questões gênero onde continuam sendo a maioria no trabalho doméstico, uma ocupação conhecida por não se exigir formação específica, domínio do idioma inglês e documentação. Salienta-se que, nestes casos, se por um lado, as poucas exigências podem tornar a atividade atrativa para as recém-chegadas, por outro, são obstáculos à garantia de proteção social, acesso aos direitos sociais e à negociação por melhores condições de trabalho, contribuindo ainda mais para a precarização desse nicho ocupacional. Portanto, a invisibilidade do papel feminino na migração acompanha também a incorporação dessas imigrantes no mercado de trabalho informal, uma vez expostas às jornadas de trabalho exaustivas, à ausência de intervalo para a alimentação, à exigência de esforço físico demais e ao manuseio de produtos químicos, nem sempre com o uso adequado dos equipamentos de proteção individual.

## Referências

57 mil detidos: número de brasileiros cruzando fronteira do México para EUA aumenta 8 vezes em um ano e bate recorde. **ESTADO DE MINAS**. 25.10.2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/10/25/internacional,1316331/57-mil-detidos-numero-de-brasileiros-cruzando-fronteira-do-mexico-para-eua.shtml>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar Aqui, Estar Lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002. 170p.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: Construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. XVII, n. 32, 2009.

FAZITO, Dimitri. ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E MIGRAÇÃO: Dois aspectos fundamentais do "retorno". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, nº 72, p. 89-100, 2010.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FLEISCHER, Soraya Resende. **Passando a América a limpo: o trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston, Massachussets**. São Paulo: Annablume, 2002.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José; LEON-SÁNCHEZ, Mario; MARTIN-GUTIERREZ, Ângela. Comunicar-se de outra maneira: A escrita (auto)biográfica em contextos de pesquisa. *In: Esferas*, v. 2, n. 25, 2022, p. 58-77.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2022. **População**. Governador Valadares: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>. Acesso em: 07 ago. 2023.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. BARROS, Vanessa Andrade de. ARAUJO, Adriana Dias Gomide. PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

OIT. Avanzar en la reconstrucción con más equidad: Los derechos de las mujeres al trabajo y en el trabajo, en el centro de la recuperación de la COVID-19. Genova, 2021.

PÉCHY, Amanda. Drama dos migrantes na fronteira entre México e EUA tem recorde histórico. VEJA. 16.12.2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/drama-dos-migrantes-na-fronteira-entre-mexico-e-eua-tem-recorde-historico>. Acesso em: 07 ago. 2023.

Prefeito de NY diz que alguns imigrantes enviados pelo Texas "foram marcados como animais". **Brazilian Times**. 19.09.2022. Disponível em: <https://www.braziliantimes.com/comunidade-brasileira/2022/09/19/prefeito-de-ny-diz-que-alguns-imigrantes-enviados-pelo-texas-foram-marcados-como-animais.html>. Acesso em: 07 ago. 2023.

REIS, Ellem Saraiva; MACHADO, Igor José de Renó. Imigração, risco e família. Novas configurações familiares e direitos humanos em Governador Valadares. **REMHU — Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 16, n. 31, 2008. p. 229-237.

SOUSA, Leonardo. FAZITO, Dimitri. Cultura migratória no município de Governador Valadares: uma análise da rede de significados e seus impactos nos fluxos migratórios internacionais. **Revista Espinhaço**, v. 6, n. 2, p. 47-64, 2017.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

SIQUEIRA, C. Eduardo. SOARES, Gabriella Barreto. NETO, Pedro Luiz de Araújo. TRACY, Maria Natália. Documento faz diferença: o caso das trabalhadoras domésticas brasileiras em Massachusetts, Estados Unidos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, n. 7, p. 1-7, 2016.